

Cantando, brincando, interagindo e educando: uma prática na educação infantil

Autoria:

Francisco da Silva Paiva

Mestre em Políticas Públicas - UFPI. Professor de Educação Infantil - Centro Municipal de Educação Infantil - Verá Lucia Simão Salém

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida na Creche Vera Lucia Simão Salém, localizada na cidade de Codó-MA. O trabalho foi desenvolvido durante os anos 2022 e 2023. A realização desta pesquisa é resultado do meu trabalho como docente e dos registros realizados neste período como docente. Como docente sempre tive o hábito de anotar observações sobre os alunos e sobre as turmas, pois, nesse período fiquei trabalhando como professor de Horário Pedagógico (o professor que fica na turma no dia pedagógico do professor titular da turma), nesta condição foi possível trabalhar com turmas diferentes o que facilitou a realização de diferentes registros. Analisados a partir de diferentes pressupostos teóricos, os registros avulsos ganharam corpo e por isso tomei a decisão de compartilhar com o público. O objetivo é compartilhar os registros da minha prática para uma reflexão mais ampliada sobre as práticas e os debates sobre a educação infantil, infância, crianças, interações, brincadeiras e desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: riança. Infância. Desenvolvimento.

Como citar este capítulo:

PAIVA, Francisco da Silva Paiva. Cantando, brincando, interagindo e educando: uma prática na educação infantil. In: OLIVEIRA, Habyhabanne Maia (Org.). **Abordagens Interdisciplinares em Educação e Ensino**. Campina Grande: Licuri, 2024, p. 99-111. ISBN: 978-65-85562-26-3. DOI: 10.58203/Licuri.22638.

INTRODUÇÃO

Um bom doutorado começa na educação infantil. O desenvolvimento infantil não feito de uma progressão cartesiana, sem atropelos, sem desafios, sem retrocessos, mas é inegável que um bom trabalho de estimulação das habilidades na primeira infância será proveitoso para toda vida.

Educação infantil não reduz a criança a um ser cognitivo, mas trabalha (ou deve) em uma perspectiva integral na qual a criança é tomada em seus aspectos: físicos, psicológicos, intelectuais, sociais, emocionais, subjetivos, linguísticos, culturais, dentre outros. Esta compreensão da criança como um ser completo, capaz, autônomo, criativo e produtor de cultura nos desafia a fazer uma educação também plural, criativa, lúdica, desafiadora e interativa.

A infância mudou e a educação infantil também mudou a precisa mudar ainda mais, pois as práticas não podem ficar refém de visões anacrônicas e superficiais, mas tentar responder as demandas do presente como uma prática educativa dinâmica pensada para e com os sujeitos da educação infantil.

O direito a educação infantil não pode ser reduzido à matrícula e ao ingresso em uma creche ou pré-escola, ao contrário, a materialização deste direito ocorre a partir da introdução da criança em uma instituição que responda as demandas relativas ao desenvolvimento criança em todas as suas amplitudes.

Nesse contexto, a educação infantil requer uma prática em constante transformação para responder aos contextos, direitos e sujeitos históricos que hoje cursam esta modalidade de ensino.

Assim, o principal objetivo deste trabalho é compartilhar os registros da minha prática como professor de educação infantil para uma reflexão mais ampliada sobre a educação infantil, infância, crianças, interações, brincadeiras e desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, pois o principal foco foi à análise das vivências no espaço escolar e em sala de sala, sem preocupação em quantificar estas experiências.

Foram utilizadas ferramentas da etnografia: observação, observação participante, conversas, entrevistas espontâneas, etc. Para uma melhor compreensão da dinâmica e das vivências adotei a escola em sua integralidade como campo de pesquisa. Os análises e descrições são frutos das observações e diálogos com variados atores do espaço escolar (SCHUCMAN, 2012).

VIVÊNCIAS, RELATOS E OBSERVAÇÕES DE UMA PRÁTICA

Cheguei à creche em junho de 2021. Junto comigo chegaram mais três professoras e uma nova supervisora. Fui recebido pela diretora que me explicou rapidamente o funcionamento da creche, algumas regras, horários, tive acesso as salas, biblioteca, salas de brinquedos e demais espaços.

Depois de alguns dias fiquei sabendo que havia somente quatro professores homens em toda rede municipal que trabalhavam na educação infantil.

Conversando com um desses colegas fiquei surpreso pelo fato dele ter dito que não havia sofrido preconceito em mais de dez anos de magistério sempre na educação infantil. Eu estava com um mês e já havia passada por algumas situações discriminatórias.

A percepção de muitas famílias é que o espaço a educação infantil é realmente dedicado somente às mulheres e de forma mais tímida algumas professores também pensam assim. Esta visão é uma herança do tempo em que a educação infantil tinha como objetivo somente cuidar das crianças, uma época em que a educação infantil, oficialmente, nem fazia parte do sistema nacional de educação, pois estava vinculada a assistência social.

O que algumas pessoas olham como natural é na verdade a perpetuação de uma prática discriminatória, em outras palavras, as mulheres devem cuidar das crianças e os homens não.

EDUCAÇÃO INFANTIL

É comum ouvir críticas infundadas que em geral são acompanhadas de algumas receitas, ideias essencialistas, fórmulas mágicas, etc. estas abordagens, em geral, partem de uma idealização da educação infantil, das crianças, dos professores e das escolas; portanto, são mais nocivas do que benéficas para a educação infantil real.

A complexidade do fazer pedagógico na educação infantil se sobrepõe as análises simplistas. Uma crítica honesta deve servir de base para melhorar a prática pedagógica, caso contrário, é algo inútil, uma escrita para vender livros e palestras e nada mais.

A educação infantil, como uma etapa da educação básica, possui características próprias. Mas algo que deve ser visto é que ela não é mais um local exclusivo de cuidado, ao contrário, é um momento em que o aspecto educacional deve ser intensamente trabalhado em virtude do desenvolvimento cognitivo da criança e produzir a necessária estimulação precoce das aprendizagens.

A responsabilidade pela educação de crianças de zero a cinco anos traz para as escolas e para os profissionais que trabalham nesta etapa o compromisso de cuidar, educar, interagir, brincar, estimular e acompanhar atentamente os avanços de cada criança individualmente e nas vivências grupais.

Longo de ser uma modalidade de ensino assistemático, desprovido de currículo e sem compromisso com os ganhos de aprendizagens das crianças. A educação infantil é antes de qualquer coisa é um palco privilegiado para aprender e ensinar. Dessa forma, é um trabalho para professores qualificados, curiosos, comprometidos e investigadores das práticas didáticas e pedagógicas que ocorrem nesse ambiente.

A escola, como dizia Demerval Saviani (2000), é um espaço para socialização do conhecimento sistematizado. Contudo, esta valorização do conhecimento em detrimento das pessoas reais que temos em sala de aula tem levado, em alguns contextos, os professores e professoras a focarem o trabalho pedagógico muito no que ensinar; deixando em segundo plano o interesse pelas experiências e vivências dos sujeitos.

COMUNICAÇÃO

A educação infantil impacta poderosamente o desenvolvimento das crianças, porque é feita de pessoas para pessoas.

Na educação infantil o tempo que as crianças ficam juntas é crucial para criar um ambiente colaborativo, uma atmosfera na qual cada uma é peça importante. Isto é tão verdadeiro que quando uma das crianças está ausente às demais questionam o porquê da não presença.

A sala da educação infantil é um ecossistema criado a partir dos vínculos afetivos, cognitivos, dialógicos, subjetivos, colaborativos, criativos e interativos.

Neste espaço, a comunicação observada entre as crianças é algo muito interessante. A comunicação e o ser humano são coisas indivisíveis, desde que o homem passou a viver em grupos a comunicação foi algo presente. Usando os mais diversos canais, códigos, símbolos e linguagens; os atos e os processos comunicativos construíram o homem e a vida social.

A comunicação entre pares, à comunicação com o sagrado, à comunicação com os seus e a comunicação com os outros; de uma forma ou de muitas formas a comunicação é parte constitutivo do nosso ser.

Sobre este aspecto, é impactante a descrição do Psicólogo Vigotsky (2010). Ele descreve que quando uma criança consegue expressar os seus pensamentos por meio da comunicação verbal ocorre uma verdadeira revolução cognitiva. As crianças ampliam as suas capacidades intelectuais e melhoram o repertório cultural à medida que exercitam a fala.

A comunicação é parte inseparável do processo de desenvolvimento da criança. Em outras palavras, quanto mais à criança fala mais ela melhora a sua capacidade comunicativa, dinamiza o pensamento e melhora o seu desenvolvimento global.

Diante disso, pode-se afirmar que a comunicação na educação infantil não deve somente ser incentivada, mas é importante a criação de mecanismos, ambientes e recursos para que ela ocorra sem obstáculos.

Se a escola não permite a comunicação das crianças, ela está trabalhando contra o desenvolvimento infantil, ela está desenvolvendo um processo de deseducação.

A constatação deste fato se mostra clara no início do ano letivo. É instigante de se observar como a comunicação tem um aspecto contagioso. Nos primeiros dias de aula as crianças, em geral, chegam inseguras no ambiente escolar. Tudo é novidade: a sala de aula, os novos colegas e os professores. Como consequência é um momento em que as crianças choram bastante, esse comportamento pode durar um ou vários dias.

Quando uma criança começa chorar é comum outras crianças acompanharem também. Nesse momento a sala de aula vira uma grande orquestra.

Nesta situação, alguns professores iniciante ficam desesperados, se culpam pela situação e tentam realizar alguma atividade para as crianças cessarem rapidamente o choro, em geral, as tarefas nesta circunstancia não surtem muito efeito.

O que faz realmente as crianças suspenderem o choro é a confiança que elas vão adquirindo com o passar dos dias. Os docentes contribuem para passar essa fase acolhendo todos os discentes com carinho, dedicando atenção e conversando individualmente para demonstrar que sua insegurança é injustificável.

Outra situação em que é possível observar como a comunicação é contagiante é quando uma criança resolve falar algo ao professor. Repentinamente as outras crianças também manifestam interesse em falar algo ou repetir o que o seu colega falou.

Quando isso acontece é bom o professor está preparado para ouvir a história de cada uma das crianças.

O inicio da vida escolar das crianças é pouco comunicativo, contudo, à medida que os laços de confiança começam a surgir os diálogos se tornam mais frequentes, em poucos dias, a conversa já flui naturalmente.

A conversa de uma criança com um adulto é uma oportunidade para compreendermos as suas perspectivas e o seu ponto de vista. A fala da criança é uma exposição, sem filtro, do seu pensamento, da sua lógica e da sua forma particular de analisar o seu entorno.

Assim, conversar com uma criança é um exercício de aprimoramento das suas habilidades comunicativas, é uma oportunidade de conexão, de entrar no seu mundo e de aprender com ela. O psicanalista Lacan (1995) descreve a fala com um vínculo social, mas no contexto da educação infantil ela é mais que um vínculo é uma janela para compreender a complexidade do pensamento, confirmar ou rever nossas práticas docentes.

A IMPORTÂNCIA DE UM ESPAÇO AUTORAL

Um ambiente de confiança gera aprendizagens. Um clima de confiança entre professor (a) e estudante acelera o processo de aprendizagem, os alunos escutam mais o professor e observam com mais aquilo que é dito por ele.

Uma escola com espaços amplos para as crianças circularem é necessária. É impossível pensar no desenvolvimento físico da criança se a escola não conta com espaços para elas exercitarem suas habilidades físicas, para saltarem, pularem, correrem, etc.

Além de espaço para estimular o desenvolvimento da coordenação motora; faz-se necessário pensar em espaços que sejam autorais. Em outras palavras, uma escola em que a criança possa ver sua marca, em que suas atividades sejam expostas e suas produções valorizadas.

A não exposição das atividades, porque não ficaram “bonitas”, porque ficaram “mal pintadas”, ficaram “sem capricho” é na verdade ausência de compreensão sobre a aprendizagem infantil. A aprendizagem é um processo e a educação infantil é o início desta caminhada longa, bonita, desafiadora é que nem sempre ou quase nunca ocorre de forma linear.

Incentivar a autoria é uma forma de compreender o processo que cada criança enfrenta. Cada atividade realizada expõe não somente como a criança pinta, sua coordenação motora, mas essencialmente como ela pensa. Cada atividade é uma oportunidade para aprender, construir conhecimentos e demonstrar suas habilidades. Reduzir as tarefas a conceitos: ficou feia ou ficou bonita; é desprezar a oportunidade de compreendermos a subjetividade, a inteligência e a singularidade do pensamento de cada discente.

Uma sala de aula autoral é um espaço em que as crianças conseguem identificar a sua assinatura e os docentes conseguem identificar as trajetórias de aprendizagens dos pequenos. Uma boa sala de aula na educação infantil é uma sala como “DNA” das crianças em todos os cantos.

Um espaço com assinatura das crianças gera mais confiança, acolhe mais e desafia a criança cognitivamente a produzir mais, pois ela sabe que suas produções são valorizadas.

A escola como um ambiente formativo precisa ser organizada para que todos os seus espaços, moveis e profissionais contribuam com a formação das crianças. A formação não pode está restrita a sala de aula, ao trabalho docente, mas ao espaço e aos profissionais de maneira global.

DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA

O desenvolvimento infantil possui um aspecto holístico. Isso implica em observar que os aspectos do desenvolvimento devem ser pensados e analisados de forma conjunta. O bom desenvolvimento motor, impacto na fala, que impacta no raciocínio, que impacta na capacidade de concentração, que impacta no comportamento leitor, etc.

Pensar o desenvolvimento isoladamente reflete uma visão infantil arcaica, uma visão de criança particionada, “mutilada”, incompleta que não corresponde com as crianças reais.

O problema da concepção limitada de desenvolvimento é que ela produz uma prática pedagógica também limitada. Uma concepção de desenvolvimento ampla e holística que compreende a criança como um ser integral leva a uma prática rica nas intervenções, nos acompanhamentos e nas análises do desenvolvimento.

Afirmar que a criança é um sujeito incompleto parece uma afirmação puramente retórica, contudo, quando um docente pode trabalhar com crianças é prazeroso observar este fato. O desenvolvimento infantil ocorre a partir de um trabalho contínuo e integrado da família, da escola e do ambiente cultural em que a criança está inserida (comunidade).

É gratificante acompanhar o esforço contínuo deste desenvolvimento. A criança esta sempre recomeçando, caindo, levantando e seguindo em frente. Ela não deixa um minuto de acreditar e tentar fazer o que deseja.

Professores em geral analisam, consciente ou inconscientemente, os seus alunos sob duas óticas: a lógica da falta e a lógica do excesso.

A lógica da falta é a prática de expor o que os alunos não têm ou o que eles ainda não são. Falas do tipo: ele não sabe números, ela não sabe ler com desenvoltura, ele não tem boa coordenação motora, sua escrita não é clara, etc. estes apontamentos não podem ser vistos somente como meras avaliações, mas a redução do aluno ou aluna a suas debilidades temporárias.

Esta pratica de muitos docentes contribui para solidificar uma visão pessimista da criança, uma expectativa de que ela ou ele não conseguirá alcançar os níveis de aprendizagens desejados. Isto termina contribuindo para que o professor trabalhe

para confirmar sua análise, ou seja, o docente trabalhar para validar suas impressões e termina atuando contra as crianças, e não com elas e não para elas.

O campo oposto é a lógica do excesso. Esta tende a valorizar de forma superlativa o que a criança faz de bom ou ruim. Por exemplo: José é muito danado, Maira é muito inteligente, Miriam não se concentra, Antônio fala muito, etc. Superlativar o comportamento da criança é certamente um postura desnecessária e inibidora do desenvolvimento infantil.

Resumir uma criança ou seu máximo de bom ou o seu máximo de negativo não representa uma perspectiva pedagógica construtiva, especialmente, porque agimos para confirmas as noções impressões, sejam positivas ou negativas.

Em ambos o casos é importante ter clareza que uma criança esta em constante processo de aprendizagem e que seus comportamentos são fluídos, dinâmicos e plásticos. Em outras palavras, a criança muda seu comportamento o tempo todo e por isso não pode ser tachada de forma definitiva.

É sempre bom ouvirmos o conselho do mestre Aristóteles e procurarmos o meio termo, um ponto de equilíbrio. Uma visão excessivamente positiva pode contribuir para não vermos o que a criança precisa evoluir, pontos que devem ser trabalhados. Por outro lado, uma visão negativa pode causar uma postura imobilismo, causa perdida e levar a uma atitude de não há nada a ser feito.

DESENVOLVIMENTO FÍSICO

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) da Educação estabelece em seu artigo 29 que é finalidade da educação infantil desenvolver a criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Destes aspectos, o mais desrespeitado é sem dúvida o físico em virtude dos espaços escolares inapropriados da educação infantil. Durante a realização desta pesquisa ouvi muitos relatos de professoras que já haviam passado por várias escolas afirmando que a realidade física das escolas deixava a desejar.

Com a finalidade de comprovar os relatos visitei cinco creches e constatei que os relatos eram verdadeiros. Isto é um problema, pois, como é possível trabalhar o desenvolvimento físico das crianças em creches que não tem espaço físico para as

crianças se deslocaram, em salas apertadas, escolas sem pátio, sem espaços para recreação?

Quando se trata de educação infantil é importante pensarmos em termos holísticos e não excludentes. Isso implica em considerar o desenvolvimento de forma integral, integrado e indissociável.

Um espaço físico adequado contribui, inequivocamente, para a socialização criança-criança. Pois, quando os discentes podem transitar em espaços amplos e lúdicos tem facilitada a tarefa de expressar suas habilidades físicas, comunicacionais, sociais, intelectuais, cooperativas e lúdicas.

A socialização no contexto em que muitas crianças só têm a escola para conviverem com outras crianças é ainda mais relevante. Como muitas crianças não tem irmão, irmã, primo, prima ou outras crianças para conviverem, a escola termina ganhando um peso maior como ambiente socializador.

Certo dia, no encerramento de um semestre letivo, a coordenadora pedagógica estava felicitando as crianças e os pais e avisando que a partir daquele dia as crianças estariam de férias; uma das crianças virou para ele e falou: não quero férias, quero é ficar estudando.

Ao ouvir o comentário dessa criança é possível concluir que está escola é acolhedora, lúdica e de qualidade; uma escola que preserva o sabor da infância em suas ações pedagógicas.

Como professor existe um aspecto que sempre me questiono: será que eu gostaria de ter a aula que estou proporcionando para as crianças? Será que estou sendo o professor que gostaria de ter?

Com estes questionamentos não desejo criar um cogito pedagógico, mas apenas refletir sobre a prática, questionar a minha relação com as crianças e pensar formas de continuar melhorando, criando, recriando, significando, ressignificando, construindo e desconstruindo a minha prática docente.

Assim, é importante saber que a mudança não é somente bem vinda, mas necessária. Saber que a professor que sou hoje não serve para amanhã, saber que as aulas perfeitas não existem, mas existem as aulas possíveis; saber que a minha prática se não for autoral não serve; saber que os estudantes reais nos desafiam;

saber que o novo nos tira do nossa zona de conforto, mas sem ele estamos condenados à repetição alienante.

É por isso que a coragem é um importante recurso pedagógico. Não para fazer loucuras, propor ações além das possibilidades reais da escola, das crianças e das famílias, mas para seguir seus próprios conceitos, suas próprias ideias, coragem para aceitar orientações, coragem para dialogar com as crianças, coragem para ser humilde e agir sem arrogância.

Especialmente quando se trabalha com crianças pequenas é preciso coragem para aceitar o ponto de vista delas. Quando o docente está aberto a este tipo de diálogo com as crianças, aprenderá muitas coisas relevantes, porque as crianças são atentas, são observadoras, são criativas e muito inteligentes.

Na sala de educação infantil é comum o professor propor uma atividade e as crianças realizarem de outra forma, às vezes até melhor. Um dia na minha aula fiz a proposta para as crianças pintarem cartazes em grupo, cada grupo com quatro crianças, grupos divididos, tinta no recipiente e mãos a massa.

No decorrer da atividade olhei que um grupo não estava pintando com os pinceis, mas com as mãos. Questionei por que não estavam usando os pinceis e falaram que pintar com as mãos é mais rápido, mais gostoso e tem como pintar com mais detalhes. Depois dessa aula só me restou recolher os pinceis dos demais e mãos a tinta. O resultado foi ótimo, algumas mães reclamaram da farda no outro dia.

O fato é que na educação infantil não existe aula sem diálogo, não existe produção se não for coletiva, não existe roda de conversa sem a participação de todos, não existe ciência que se sobreponha a atenção e ao cuidado diário; não existe um sujeito que fala para ouvintes, mas um espaço de pluralidade de falas; não existe não tentar, mas fazer, desfazer, construir e desconstruir como parte de um mesmo e longo processo de aprendizagem e desenvolvimento; um ir fazendo e se fazendo enquanto se faz coletivamente em sintonia com os demais.

Não existe educação infantil sem disponibilidade para ser criança, sem olho no olho; sem capacidade compreensiva de gestos, choros, lágrimas, sorrisos e transformações diárias. Não existe educação infantil se não for para eles, mas com eles e partir deles. Não existe educação infantil sem aprender todo dia, com cada criança, o quanto somos ignorantes na arte da gentileza, do carinho, do companheirismo e amor.

Aprendemos a deixar de lado um pouco do nosso egoísmo; dos nossos julgamentos e preconceitos. Aprendemos o que é atenção plena, que o real e imaginário não são coisas distintas, mas uma nova realidade acessível a quem sabe perceber com os olhos, com o corpo, com a memória e com a lógica dinâmica que as crianças atribuem a tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vezes os educadores estão mais preocupação com o mercado de trabalho, com o futuro, com ingresso na economia formal e menos interesse pelos sujeitos, suas angústias e suas limitações. Esta é uma escola que recebe estudantes, mas não se preocupada realmente com quem eles são. O foco principal é no que eles serão. Como é possível alguém gostar de ambiente que não gosta dele? Um famoso provérbio Chinês afirma que “o futuro é mistério e o presente é uma dádiva e é por isso que se chama presente”. Uma escola que valorize os seus alunos como eles são, trabalhar com eles para uma formação de qualidade é certamente uma escola feita com e para as crianças e não contra elas.

Outro equívoco grave é a análise das crianças a partir do que elas não sabem ou não conseguem fazer. Este é postura pedagógica acusatória, incapacitante, limitado, reducionista e improdutiva, pois nenhuma criança se resume as suas limitações.

Parafraseando Hannah Arendt (2020) é preciso compreender a condição de cada estudante não para se escrever relatórios ou distribuir prêmios, mas para pautarmos nosso trabalho docente. O professor não pode resumir seu trabalho a fazer este tipo de “diagnóstico” raso e preconceituoso, ao contrário, deve ir além para apresentar respostas a não aprendizagem, as limitações culturais e cognitivas dos alunos.

Compreender para agir, para propor, para refazer e fazer junto, compreender para ir além. Compreende a realidade institucional, social e cultural dos alunos é ponto de partida para um fazer pedagógico consciente e crítico; compreender para pensar certo e construir uma prática pedagógica conjunta, com respeito e conteúdo; pensado no presente, para o presente e olhando para o futuro.

Para compreender uma criança temos que estar aptos a entrar em seu mundo e para isso é preciso ignorar as nossas defesas, ignorar o nosso pensamento cartesiano,

resgatar a criança que existe em cada um de nós, trazer a tona nossa capacidade de mergulhar na imaginação criativa tão característica da infância.

Se não estivermos dispostos a ingressar no mundo delas, não seremos capazes de compreender o pensamento e a subjetividade de cada uma. Para as crianças as coisas não são o que são, mas o que elas desejam que sejam. O olhar infantil é singular e complexo; não se rende a aparência limitadora, vai fundo transformando as coisas, colocando magia, sonho, tirando do senso comum a mais comum das coisas.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A Condição Humana**. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: L9394 (planalto.gov.br). acesso em 10 de jan. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2022: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: download.inep.gov.br/areas_de_atuacao/notas_estatisticas_censo_da_educacao_basica_2022.pdf. Acesso em 20 de out. 2023.

PIAGET, J. **O desenvolvimento do pensamento: equilíbrio das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imitação e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

LACAN, J. **O seminário - livro 2 - o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SCHUCMAN, V. (2012) **ENTRE O “ENCARDIDO”, O “BRANCO” E O “BRANQUÍSSIMO”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: [schucman_corrigeida.pdf \(usp.br\)](#). acesso em 10 de ago. 2023.

VYGOTSKY, L. **APRENDIZADO E DESENVOLVIMENTO: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.